

ARMANDO CARDOSO

DA PERIFERIA AO CENTRO DO PODER

MINHAS HISTÓRIAS DE VIDA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

O INÍCIO DA VIDA

Nasci de sete meses, raquítico, com bronquite asmática e sem leite materno. Para muitos, tinha reduzidas chances de vingar. Poucos acreditavam que passaria dos dois anos. Dona Guiomar, mãe antes de completar 18 anos, nunca desistiu. Um soluço mais forte, uma febrinha fora do controle ou uma pequena crise da teimosa bronquite significava uma louca corrida ao hospital mais próximo. Foi assim até pelo menos os quatro ou cinco anos, quando, já com os irmãos Eliana e Ricardo e após a retirada de um tumor benigno acima da virilha, Deus me garantiu vida longa. Decidiu que a vontade de viver seria a principal marca de minha existência.

Apesar das previsões contrárias e das dificuldades econômico-financeiras, cresci como todo moleque travesso do subúrbio do Rio de Janeiro ou da periferia de qualquer cidade do Brasil e do mundo. Sempre fui esperto – sem ser malandro – e nunca levei desaforo para casa, mesmo do alto de minha qualidade de filé de borboleta, do tipo que se escondia de ventos acima de dez quilômetros. Magricela de berço e pernas compridas, corria como poucos para livrar-me dos oponentes. Não tinha brinquedos como minhas filhas e netos tiveram, mas jamais fiquei sem brincar.

Na numeração romana, 1954 foi um ano comum do século XX e, segundo o calendário gregoriano, começou em uma sexta-feira. Para o horóscopo chinês, foi o ano do cavalo, iniciado a 3 de fevereiro. Em

acesso ao piso superior da escola. O ataque causou comoção nacional e repercutiu na imprensa internacional.

Determinado, sairia de Realengo e chegaria a Campo Grande, passando tempos em Piedade e meteoricamente em Jacarepaguá, Penha e Botafogo, aportando definitivamente, no início dos anos 80, em Brasília, cidade diferente, atípica, de falsos poderes e pudores, mas que mudaria meus destinos físicos, espirituais, emocionais e, principalmente, afetivos. Em síntese, apesar de religioso, não esperei apenas pelas mãos de Deus. Com ajuda divina, aproveitei as oportunidades surgidas e agarrei-me a elas como o último prato de comida da Terra.

Deixei ainda bebê o bairro natal, porque a recém-formada família dos pais, o gaúcho Leonel e a alagoana Guiomar, precisou fixar-se em outro longínquo ponto da cidade. Perdida no tempo, a única mensagem da mudança foi a necessidade financeira de ficar próximo dos avós paternos, José Ferreira Cardoso e a protetora Ciriaca Rodrigues. Desde então, e por muito tempo, os *velhos* foram provedores de boa parte dos suprimentos do casal, do primogênito e dos irmãos Eliana e Ricardo Cardoso, morto em 1975. Nunca passamos fome, mas as necessidades foram muitas.

Minha base por mais de 25 anos, Campo Grande dista 55km do centro da cidade, mais precisamente da Avenida Rio Branco, uma das principais do centro financeiro da antiga capital. É sede da região administrativa de Campo Grande, que compreende os bairros de Campo Grande, Inhoaíba, Senador Vasconcelos, Santíssimo e parte da Pedra de Guaratiba, Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba. Sua ocupação remonta a 17 de novembro de 1603. Em 1968, o então governador da Guanabara, Francisco Negrão de Lima, promulgou a Lei 1627/68, reconhecendo a localidade como cidade. Apesar disso, Campo Grande ainda é tido como um bairro do Rio de Janeiro.

Informações oficiais revelam que o tecido urbano de Campo Grande é regular e descontínuo. A ocupação é resultante de loteamentos isolados de grandes áreas. Na verdade, o bairro, por dispor de vasta

rede de serviços e de um comércio expansivo e diversificado, cresceu extraordinariamente. Os mais altos níveis de presença de imóveis próprios encontram-se em Campo Grande. O predomínio é de casas com dois quartos, com área construída de 60 metros quadrados. A Cehab (companhia habitacional) construiu, nos anos de 1962 a 1979, inúmeros investimentos populacionais, resultando em um grande contraste com a região central do bairro e com outros sub-bairros.

Entretanto, a partir dos anos 80 o bairro “floresceu” e ainda hoje vislumbra expressiva valorização e crescimento imobiliário. Nos últimos anos foram lançados diversos empreendimentos residenciais e comerciais. Abriga valentes agropecuaristas, responsáveis pela plantação de enorme variedade de legumes, frutas e hortaliças e pela criação de aves, caprinos, suínos, bovinos e coelhos. Também dispõe de um crescente distrito industrial e 3,7 mil estabelecimentos comerciais, os quais exercem atração sobre outras regiões. Além do movimentado e popular *Calçada de Campo Grande*, há opções de compras e lazer em atacadistas, supermercados e hipermercados e ainda nos modernos shoppings West Shopping, Passeio Shopping e Park Shopping Campo Grande.

Meu avô Cardoso, mascate português fugido da Guerra dos Cravos, e a avó Ciriaca, índia uruguaia literalmente raptada pelo lusitano bonitão e cheio de gás, eram corresponsáveis pelo arroz com feijão e ovo do dia a dia e, aos domingos e feriados, pela carne de porco ou frango e pelas hortaliças e legumes do próprio quintal. Vó Ciriaca, originária do povo charrua, mantinha fartos e bem limpos galinheiros, chiqueiros e uma horta para compor a subsistência de todos. O povo charrua tinha várias denominações no Uruguai, Argentina e Brasil (Rio Grande do Sul). Eram guyantiranes, yaros, balomares, negueguianes, manchados, martidanes, mepenes, tocagues, bohanes, minuanos, charrúas etc. Os historiadores passaram a chamar todos de “charrúas”. Desconhece-se a origem e o significado da palavra charrua.



A índia uruguaia Ciriaca e o mascate Cardoso, os avós queridos

Do *sequestro* nos arredores de Montevidéu à chegada em Rio Grande, cidade portuária do Rio Grande do Sul, foram vários e sofridos dias. Longe de tudo e de todos, ali começou a saga da dupla que, ainda hoje, é o meu espelho de moleque sonhador, primeiro filho e primeiro neto. Em Rio Grande, nasceu o pedreiro dedicado e mais alguns dos 18 filhos homens da caminhada do *véio* Cardoso e da índia Ciriaca. Somente quatro vingaram: Leonel, Joaquim, Julião e Fernando, todos Ferreira Cardoso. Apenas cinco anos mais velho, Fernando, o “Ferrão”, foi de tio a ídolo com muita rapidez.

Fomos criados na mesma sintonia e aproveitando o senso absolutamente maternal de Ciriaca. Éramos dois garotos dispostos a viver e enfrentar intensamente as mazelas dos córregos fétidos e do esgoto a céu aberto de Campo Grande, bem mais longe do centro do que Realengo. Mesmo com os pesares, sobrava tempo para nos deliciarmos com a natureza das chácaras, com as várzeas e com as garotas do bairro nas noites escuras das ruas de terra batida.

Com intensa sensação de prazer, relembro os bons e hoje questionáveis ensinamentos da avó. Apesar da perda da maioria da prole, ela e as demais avós – algumas mães iam a reboque – se pautavam pela máxima de que o mundo era dos homens. O pensamento preferido delas era aquele que informava às mães de mulheres que seus bodes estavam soltos. Atrasado para nossos dias, o ditado era seguido pelas que não queriam correr riscos. Sem entrar no mérito, perdi precioso tempo até perceber que a força, coragem grandeza, caráter e retidão do ser humano não estão vinculados ao gênero.

PRIMEIRO E INESQUECÍVEL SONHO: O FUTEBOL

Maior e mais populoso bairro do Rio de Janeiro e do Brasil, hoje com cerca de 360 mil habitantes, 37 sub-bairros, e cobrindo uma extensão de 11.912,53 hectares ou 119,13km² (119 km), Campo Grande passou a ser *habitat* dos Cardosos. E o foi até a morte de boa parte da família e à separação de Leonel e Guiomar, em meados de 1973. O sub-bairro escolhido foi o Jardim Arnaldo Eugênio, simplesmente Arnaldo para a maioria de ontem, de hoje e de sempre. Ali, morei nos números 2 e 45 e 711 das ruas Luís Carlos de Carvalho, Aquino de Araújo e José Francisco de Souza Porto, respectivamente.

Com acesso pelas estradas do Cabuçu e do Pré, ainda hoje as maiores características do velho Arnaldo, cuja origem nunca interessou a ninguém, são a vendinha do Eral, a barraca da Maria do Boli-nho, a loja de ferragens do Ribas, as mercearias do Acácio e do Manolo, um espanhol que tentava esconder a calvície com um encardido boné, o bar Buginga's e o campo do Esporte Clube Mundial, ponto de encontro dos peladeiros e principal fonte de lazer domingueiro dos *arnaldenses*. O Mundial seria a ponte para a tentativa do primeiro sonho, o de jogador de futebol.

Bem molecote, magricela, rápido, arisco e driblador, passei de armador de um dos vários times de pelada do bairro para a peneira

do infanto-juvenil do Campo Grande Atlético Clube. Passei, mas não fiquei. Graças a Deus, o ultimato de dona Guigui – “pense somente em estudar ou pegue suas roupas e vá morar no clube” – mudou tudo. Embora não tenha sido determinante, o rigor do seu Capilé, treinador do infantil do *Campusca*, valeu para que eu retornasse às peladas do Mundial. Para ilustrar o agradecimento a Deus, nenhum das centenas de meninos com perfil idêntico (de bom e promissor jogador de futebol) chegou ao estrelato *arnaldense*, muito menos campograndense. Imagina o carioca ou brasileiro. Foi um rio que passou em minha vida.

A experiência Em Ítalo Del Cima, estádio do *Campusca*, pelo menos serviu para conhecer Guilherme, Biluca, Geneci, Helinho, Henrique, Nodir e Dario José dos Santos, até hoje lembrado por *Dadá Maravilha ou Peito de Aço*. Nunca joguei, mas “convivi” com *Dadá Peito de Aço* no pouco tempo da frustrada tentativa de jogar futebol. Dadá, centroavante limitadíssimo, começou a carreira em Campo Grande, onde nasceu em 1946 e de onde saiu para ser *rei* e goleador nos 17 clubes a que serviu durante a carreira. Filho de um operário e de uma doméstica, Dario perdeu a mãe quando tinha cinco anos. Ela ateou fogo à casa, cometendo suicídio em seguida.

Desorientado, Dario passou longo período da juventude pelo mundo do crime, internado em reformatório e conseguiu ser salvo por um dos deuses futebolísticos, cujo nome verdadeiro, Francisco de Souza Ferreira, o ex-jogador soube muitos anos depois. Francisco, conhecido como Gradim, era o treinador do Campo Grande. Gradim descobriu o *Rei Dadá* durante um treino do *Campusca* na desativada Escola 15 (antigo reformatório de menores delinquentes), em Quintino. Técnico exigente, mas malandreado, impressionou-se com a velocidade do garoto, que havia entrado em campo para compor o time adversário.

Gradim pediu sua contratação e ensinou o pouco que ele aprendeu de futebol. Sem ser craque, Dario era um *fazedor* de gols de queixo, ombro, nuca, joelho e até de bunda. Percebendo que a técnica seria impossível, Gradim mostrou ao jovem Dario que ele poderia aliar à

velocidade a impulsão e a coragem de trombar com zagueiros brucutus. Foi o suficiente para *Peito de Aço* mostrar ao Brasil seu potencial de goleador. É o quarto maior artilheiro do futebol brasileiro, com 926 gols. Perde apenas para Romário, Pelé e Arthur Friedenreich. Pouco lembrado, mas histórico, seu maior recorde ainda não foi batido. Em 1976, pelo Campeonato Pernambucano, estufou as redes dez vezes na goleada de 14 a 0 do Sport Recife contra o Santo Amaro.

Tricampeão do mundo em 1970, quando foi reserva e bicampeão brasileiro – Atlético Mineiro (1971) e Internacional (1976) –, foi três vezes artilheiro do Brasileirão. Em 1971, marcou 15 gols pelo Galo, inclusive o do título sobre o Botafogo, no Maracanã; em 1972, ainda no Galo, balançou as redes 17 vezes, e em 1976, jogando pelo Inter de Porto Alegre, fez mais 16 gols. *Peito de Aço* entrou para o álbum dos grandes jogadores por seu faro de gols e frases hilárias. Dario encerrou a carreira em 1986 no Douradense (MS) e, finalmente, abandonou os gramados no Registro (SP).

Deixou frases folclóricas e que nunca cairão em desuso: “Somente três coisas param no ar: o beija-flor, o helicóptero e eu.”; “Não existe gol feio, feio é não fazer gol.”; “Com Dadá em campo não tem placar em branco.”; “Não me venham com a problemática que eu tenho a solução.” “Pra pegar Dadá na corrida, só se for de táxi.”; “Pelé, Garrincha e Dadá tinham que ser currículo escolar.”; “Faço tudo com amor, inclusive o amor.”; “Nunca aprendi a jogar futebol, pois perdi muito tempo fazendo gols.”; “Só existem três poderes no universo: Deus no Céu, o Papa no Vaticano e Dadá na grande área.”; “A área é o habitat natural do goleador. Nela ele está protegido pela Constituição. Se for derrubado é pênalti.”; “Num time de futebol existem nove posições e duas profissões: o goleiro e o centroavante.”; “Bola, flor e mulher, só com carinho.”; “São duas coisas que eu não aprendi: Jogar futebol e perder gol!”; “Chuto tão mal que no dia em que eu fizer um gol de fora da área, o goleiro tem que ser eliminado do futebol.”; “Se minha estrela não brilhar, vou lá e passo lustrador nela”.

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em abril de 2021.
